

Ovo mexido

Amanda saiu da reunião apreensiva. Entrou no gabinete, encostando a porta atrás de si com o pé, e marcou o número de Rui.

– Sim?

– Podes vir buscar-me?

– Claro. Que se passa? – perguntou Rui em tom grave.

– Mandaram-nos para casa.

– Dez minutos e saio, pode ser?

– Sim, vou arrumar as coisas, entretanto. Até já – respondeu, desligando rapidamente.

Olhou a secretária cheia de papéis amontoados e questionou-se sobre o que levar para casa. Quanto tempo estaria longe dali? Reuniu os apontamentos da última reportagem que andava a escrever e sentiu-se perdida. A situação era mesmo grave para estarem a enviá-los para casa. Rui já lá estava desde o dia anterior e Amanda sentira-se aliviada quando o marido a informara da decisão da empresa em enviar todos os funcionários para casa. Contera, secretamente, a inveja: na última semana andava tão preocupada que era constante ter as mãos húmidas, fruto da ansiedade que teimava em persegui-la a todo o momento. Agora que também estava prestes a ir para casa, não sabia bem o que estava a sentir. Se, por um lado, o alívio era imenso – sentiu, de imediato, a dor no pescoço que carregava há dias começar a dissipar –, também algo lhe dizia que os próximos tempos seriam os mais desafiantes da sua vida.

Deitou ao lixo garrafas de água vazias que se acumulavam na secretária, assim como o resto de um pacote de bolachas já moles que ali se encontrava esquecido. Começou a limpar o monitor e, de súbito, deteve-se. Para quê? Respirou fundo e reparou que as mãos lhe tremiam ligeiramente. Pelo canto do olho espiou o colega, que arrumava pacatamente as suas coisas, sem emitir uma única palavra. David era bastante calado, por isso o silêncio não era de estranhar. Amanda gostava da dinâmica que havia entre os dois: ela demasiado extrovertida, falava por ambos. Ele, mais introvertido, transmitia-lhe serenidade. Quando é que voltaria a vê-lo?

– Bom, vou indo. O Rui vem buscar-me – atirou, esforçando-se para que a voz não lhe tremesse.

– Até um dia destes, não é? – brincou David, sorrindo.

- Parece que sim. Se precisares de alguma coisa, diz, está bem?

- Sim, senhora. Até logo – respondeu o colega, acenando-lhe.

- Até logo – sorriu.

Saiu e voltou a encostar a porta. Já se tinha afastado quando foi atravessada por um súbito arrependimento e voltou atrás.

- David? – espreitou, sem entrar.

- Sim?

- Vou ter saudades tuas – afirmou.

- Oh. Eu também – sorriu o colega, com vontade.

Amanda devolveu o sorriso e voltou a afastar-se. Passou ainda pelas outras salas e despediu-se dos colegas. Lá fora, o marido já aguardava dentro do carro.

- Estás bem? – perguntou, cumprimentando-a com um beijo.

- Sim. Aliviada, suponho – respondeu-lhe.

O caminho até casa foi feito em silêncio. Rui deixou o carro à porta, ainda teria que voltar a sair para ir buscar a filha do casal, Maria. Depois de subir as escadas e de uma festa rápida nos gatos, Amanda decidiu ligar à mãe.

- Estou?

- Mãe? Sou eu – a afirmação era desnecessária, obviamente que a mãe sabia quem se encontrava do outro lado da linha.

- Então, filha? Está tudo bem?

- Sim. Olha, mandaram-nos para casa – respondeu, expectante.

- E como te sentes?

- Sei lá. Aliviada e nervosa ao mesmo tempo, se é que é possível.

- Não é para menos. Que situação... Nunca pensei viver uma coisa destas!
- exclamou a mãe, com notório desalento.

- Nem eu, mãe, nem eu. Agora já só quero que a menina venha para casa. Espero que fechem as escolas, sinceramente – afirmou, deixando escapar um suspiro.

- Certamente é o que irá acontecer. Agora procura descansar um bocado também – advertiu a mãe.

- Não será muito fácil, mãe. Esta semana tem sido de loucos. Vamos ver.

- Um dia de cada vez, filha.

- Sim. Olha, e tu? Tens-te resguardado?
- Só tenho saído para ir trabalhar. Ah, e vou ao supermercado, claro...
- Claro. Ainda assim, se precisares de alguma coisa, diz e nós deixamos-te aí à porta.
- Não é preciso, filha. Não te preocupes, eu tenho cuidado.
- Espero que sim. Só tenho uma mãe – brincou.
- Prometo. E agora, que vais fazer?
- Tenho umas coisas do trabalho para terminar. Tenho de desligar, está bem? Até logo, um beijinho.
- Um beijo, filha. E vê se comes! – alertou a mãe.

Amanda desligou e sorriu para o telemóvel. Tinha 35 anos, mas a mãe continuava a tratá-la como uma criança em alguns aspetos. Sabendo que andava mais nervosa nas últimas semanas, já antevia que a filha não andasse a alimentar-se em condições. E era verdade. Nas últimas semanas sentia o estômago pesado e parecia que a comida ficava entalada na garganta e se recusava a descer. Voltara a dormir mal, acordando três ou quatro vezes por noite, o que também não ajudava a que tivesse grande apetite. Por aquela altura, já parecia um passarinho a comer, petiscando aqui e ali no prato, que ficava com a comida praticamente intacta no final da refeição.

Subiu até ao quarto e abriu o computador. Enviou uma série de e-mails e espreitou as últimas notícias. O número de infetados de um vírus tão desconhecido quanto mortífero continuava a aumentar. Umas semanas antes também ela fizera parte dos que brincavam com a situação, crentes de que a epidemia nunca chegaria àquele país pequenino e plantado à beira-mar. A brincadeira durara pouco tempo, com os relatos catastróficos de outros países a fazerem perceber até aos mais incautos que o vírus não pouparia região alguma do globo. Engoliu em seco, sentindo-se culpada. Nos últimos tempos também brincara muitas vezes com David, dizendo-lhe que estava a precisar que uma gripe a afastasse do trabalho por uns dias. Uma brincadeira inofensiva, mas parva, pensou. Sentia-se esgotada, completamente assoberbada de trabalho e custava-lhe pensar que teria de aguardar por agosto até às tão ansiadas férias. Este ano, ainda para mais, iriam viajar, coisa rara, o que juntamente com a expectativa, lhe trazia grande dose de ansiedade. O ano anterior ficara marcado

pela doença do marido que, não só lhes roubara o sossego, como boa parte das economias. Assim, os últimos meses tinham sido vividos em contenção, assombrados por nova possibilidade de internamento e cientes de que tinham mesmo de restaurar o pé-de-meia que tinham juntado com tanto sacrifício. Quando surgira a oportunidade de acompanhar Rui em viagem de trabalho, Amanda rejubilara. Era uma espécie de prémio da empresa do marido: Rui só teria que ir a uma reunião com um cliente em Itália e poderia ficar, juntamente com a família, mais uns dias no país, com todos os gastos suportados pela empresa. Aquela viagem seria uma lufada de ar fresco para os três.

- Amor? Vou buscar a pequena - anunciou Rui da porta do quarto, interrompendo-lhe os pensamentos.

- Acho que vou contigo. Devíamos ir às compras - respondeu.

- Hoje? - perguntou o marido, atónito.

Era terça-feira e as compras semanais costumavam ser feitas ao sábado.

- Sim. Já viste que as pessoas estão a começar a açambarcar o que há no supermercado? Além disso, se as escolas fecharem, não quero que tenhamos de sair de casa de propósito por causa das compras.

- Pronto, como achares melhor - respondeu Rui, levantando as mãos em jeito de cedência.

Quando chegaram ao centro da cidade, repararam que o trânsito era imenso. As pessoas pareciam estar todas com pressa de chegar a algum lado. Em todos os rostos, a preocupação e o desânimo estampados.

Amanda cumprimentou os pais dos colegas de Maria que também aguardavam pelos seus filhos à porta da escola e reparou que nenhum fora capaz de articular mais de duas palavras seguidas. Todos pareciam desnorteados, tal como ela. Observou as crianças que iam saindo, uma a uma, sorridentes, totalmente alheias às preocupações dos adultos.

- Mamã! - ouviu, reconhecendo a voz da filha que dela se aproximava a passos rápidos.

- Filhota, olá! - respondeu, acenando.

A filha ficava feliz sempre que a mãe a ia buscar, acontecimento que nos últimos tempos se tornava cada vez mais raro, fruto das horas tardias no escritório.

- O papá? – perguntou a menina, dando-lhe a mão.
- Está mesmo ali estacionado. Como foi o teu dia?
- Foi bom. Amanhã tenho teste.
- Eu sei, filha, não me esqueço.
- Porque me vieste buscar?
- Também vou ficar a trabalhar a partir de casa, como o papá – disse,

atenta à reação de Maria.

- Uau, que sorte! – exclamou a pequena.

Amanda sorriu. Era tão bom ser criança.

Entraram no carro e a viagem até ao supermercado decorreu sem percalços, com Maria a contar as últimas novidades de um dia atarefado com os amigos. No supermercado, ficaram os três abismados com a quantidade de gente que se encontrava às compras. As filas eram enormes e serpenteavam pelos corredores. Havia quem tivesse mais de um carrinho cheio.

- Está tudo louco – comentou Rui.

- Sim, nem pensar em exageros. Acho que devemos fazer as compras habituais, mas pensadas para duas semanas – disse Amanda, sem conseguir disfarçar a estupefação quando um homem com um carrinho cheio de rolos de papel higiénico passou por ela.

- Duas semanas porquê, mãe? – interrompeu Maria.
- Para que não tenhamos que voltar a fazer compras tão cedo, filha.
- E posso levar bolachas?
- Claro que sim – respondeu Amanda, rindo.

A inocência dos mais pequenos era deliciosa. Quando chegaram a casa, e depois de terem arrumado tudo, Maria informou que alguns dos colegas se encontravam a faltar à escola porque os pais tinham receio do vírus. Amanda escusou-se de comentários e desviou a conversa. À noite, já com Maria a dormir, abordou Rui sobre o fecho das escolas.

- Ela amanhã tem teste e acho que deve ir. Mas, se não anunciarem amanhã o fecho das escolas, penso que a devíamos manter em casa – anunciou.

- Sim, se calhar é mesmo o melhor – respondeu o marido, afagando-lhe carinhosamente a mão.

- Preocupa-me que fique prejudicada. Que azar, ainda por cima neste ano... Que porcaria! – desabafou.
- Seria péssimo em qualquer ano – assegurou Rui.
- Oh, eu sei. Mas este é o último ano dela na escola, é um ano de transição... E se a festa e o passeio de finalistas não se realizarem?
- Bom, eu já não achava muita piada à ideia. São finalistas de quê, mesmo?
- gracejou o marido.
- Eu sei, mas ela está tão entusiasmada...
- Sim, estou só a brincar. Vai correr tudo bem, vais ver – respondeu Rui, beijando-lhe a face.

Amanda sorriu e aninhou-se nos lençóis. Receava que não fosse bem assim. Recordou o ano anterior, em que Maria tinha sofrido muito com o internamento do pai, que acontecera mesmo no final do último período letivo. Acabara o ano sem a sua presença nas ocasiões mais importantes, incluindo a Primeira Comunhão. Tentou afastar os pensamentos e focou-se em dormir. O sono chegou tarde e foi, à semelhança das noites anteriores, turbulento.

O dia seguinte foi de experiências novas, com várias reuniões online. A situação complicava-se em Portugal e vários estabelecimentos começavam, voluntariamente, a encerrar as suas portas. O país estava na iminência de um Estado de Emergência. Amanda e Rui decidiram, pelo final da tarde, que a filha não voltaria à escola naquela semana. Ao início da noite, uma boa notícia deixou Amanda mais descansada: a escola de Maria comunicava aos pais que não prejudicaria a avaliação dos alunos que faltassem às aulas por causa do vírus. Amanda respirou fundo e agradeceu: agora ficariam os três em casa, protegidos.

Na sexta-feira aguardou ansiosamente que o Presidente da República falasse ao país. Enquanto Rui cozinhava, sentou-se no sofá, frente à televisão: o (in)esperado acontecia diante de si e, pela primeira vez desde que era viva, os portugueses estavam obrigados ao confinamento em suas casas.

O fim de semana decorreu sem sobressaltos, apesar das várias perguntas de Maria que, com os seus dez anos, não percebia bem o que estava a acontecer. Os pais optaram por lhe dizer a verdade, apesar de omitirem alguns pormenores mais dolorosos que a maturidade da menina ainda não deixava perceber.

Surpreendentemente, Maria parecia feliz por estar com os pais em casa. Amanda questionou-se sobre até quando duraria aquela felicidade.

– Mãe? Quando vou poder ver os meus amigos? – perguntou a criança a Amanda, enquanto esta a aconchegava na cama, no domingo à noite.

– Não sei, filha. Em breve, espero eu – afirmou, sem grande convicção.

– E os avós?

– Também não sei, filhota.

– Tenho saudades deles – disse a menina, com os olhos marejados de lágrimas.

– Percebo. Eu também tenho, sabes? Mas agora é importante que nos mantenhamos afastados, sobretudo por eles. Ouviste as notícias, temos de proteger os mais velhos – disse Amanda, afagando-lhe a fronte.

– Mas custa! – respondeu Maria.

– Claro que sim. Mas, mais cedo do que possas pensar, estaremos todos juntos. Prometo!

– Está bem. Amo-te muito.

– E eu a ti, filha. Dorme bem – disse Amanda, apagando a luz.

A semana seguinte foi caótica. Depressa o casal se apercebeu que o confinamento estava para durar e que não estavam preparados para essa hipótese, precisando de investir em mais equipamento de escritório. A meio da semana, Amanda já quase não conseguia caminhar com as dores nas costas que sentia. A cadeira onde se sentava a maior parte do dia era uma cadeira comum, sem grande ergonomia. O facto de trabalhar no seu pequeno portátil também não ajudava a uma correta postura. Contrariados, encomendaram cadeiras novas e foram buscar o computador de trabalho de Amanda. Não era uma má decisão, assim Maria também poderia usar o portátil da mãe em vez de depender do velhinho que andava lá para casa e que tinha sido propositadamente ressuscitado para a ocasião. Apesar de funcionar, bloqueava várias vezes e era extremamente lento, o que atrasava os trabalhos da criança.

Amanda começou rapidamente a perder a noção dos dias e do tempo. Com as interrupções constantes da filha percebeu que, se queria manter o ritmo de trabalho, teria que delinear uma estratégia. Começou a acordar pelas cinco da manhã e aproveitava o silêncio da casa para trabalhar duas ou três horas sem ser

incomodada. Durante o dia, marido e mulher revezavam-se para dar atenção à filha e Amanda começou a abandonar o computador cada vez mais tarde, apesar das madrugadas que fazia. As pessoas precisavam dela, das suas notícias, de boa informação, de artigos fidedignos.

- Amor, tens de abrandar um bocadinho... Não aguentas este ritmo muito mais tempo - disse-lhe Rui uma noite, aí algures na terceira semana de confinamento.

- Eu sei, mas para já não dá. Se conseguir ajudar uma pessoa que seja, já vale a pena - respondeu, cansada.

- Se quebrares, não consegues ajudar ninguém. E é o que te vai acontecer se não abrandas - advertiu o marido, preocupado.

- Descanso no fim de semana, prometo - respondeu.

Mal caía na cama, adormecia. O problema surgia umas horas depois, com os pesadelos a invadir-lhe o sono. Levantava-se e caminhava pela casa, bebia um pouco de água e voltava a dormir. Uma hora depois, a situação repetia-se. As olheiras marcadas, bem fundas, instalaram-se de vez. Sentia-se fraca, os olhos doíam-lhe depois de tantas horas frente a um ecrã, e a paciência começara a esgotara-se. Os dias começaram a ser cada vez mais difíceis. O casal dispensara a senhora que os ajudava com as tarefas domésticas e, ao fim de semana, o tempo para descansar era inexistente, ocupados que estavam a tratar da casa. Certo dia, Amanda sentiu que não tinha outra alternativa: contactou a médica de família e pediu-lhe alguma coisa que a ajudasse a dormir.

Com o sono mais normalizado, começou a sentir-se um pouco melhor. Ainda assim, o assoberbamento com tudo o que estava a acontecer assaltava-lhe o espírito frequentemente. Sentia-se carente, agastada, com vontade de fugir. Maria também estava a acusar o cansaço e chamava por ela centenas de vezes por dia, fazendo com que Amanda ainda ouvisse o seu próprio nome ecoar mesmo quando já se encontrava deitada na cama, com toda a casa em silêncio.

A Páscoa, passada a três, só veio acentuar as fragilidades do momento. A mãe de Amanda ligara-lhe, chorosa, e a filha rebentara em lágrimas depois de desligar o telemóvel. Rui abraçara-a, sem saber o que dizer.

- Tenho tantas saudades da minha mãe - soluçou, com a cabeça afundada no peito do marido.

– Eu sei, eu sei – respondeu Rui, tentando confortá-la.

Também Maria andou mais inquieta nesse dia. Lá fora ouvia-se o riso de outras crianças, que brincavam em conjunto. Maria não percebia porque não se podia juntar aos amigos.

– Já disse que não, filha – respondeu Amanda, com voz firme, depois de novo pedido da criança para sair à rua.

– Mas os outros meninos estão lá fora a brincar! – argumentou a pequena, já com as lágrimas nos olhos.

– Mas nós não somos os pais das outras crianças, somos responsáveis por ti e estamos a dizer-te que não podes ir lá para fora brincar – respondeu Rui, olhando-a nos olhos.

– Odeio o coronavírus. E odeio-vos a vocês! – explodiu Maria, saindo da sala.

Amanda mordeu o lábio e fez sinal a Rui para não insistir.

– Ela tem dez anos e está privada da convivência com os amigos e família. Temos de ser compreensivos – disse-lhe.

O marido suspirou. Também ele estava farto de tudo. Naquele dia concordaram que seria necessário dizer o mais brevemente possível a Maria que o passeio de final de ano não se iria concretizar. Como é que se explica a uma criança que aquilo com que sonhou o ano inteiro não vai acontecer? Como é que se explica que não vai poder despedir-se dos amigos com quem conviveu diariamente ao longo de quatro anos? Como se explica que as férias com que a família sonhou durante tanto tempo também não iriam acontecer? Amanda não queria ter essa conversa, mas sabia que era impossível evitá-la.

– Mas já têm mesmo a certeza? – perguntou Maria, com o lábio superior a tremer, no dia em que os pais lhe disseram que o verão que se avizinhava seria diferente.

– Sim, filha. As coisas parecem estar a melhorar, mas no verão não haverá ainda condições para passeios.

– De certeza absoluta, absoluta? E se o coronavírus for embora antes? – questionou, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas bochechas.

– O vírus não vai embora de um momento para o outro, Maria, já falamos sobre isso.

– Pronto, este ano está estragado! – gritou a criança.

Amanda não soube o que dizer. Também ela se sentia *estragada*. Tinham sido muitos os planos cancelados com a pandemia. Se, para os pais, era mais fácil pôr as coisas em perspectiva – não havia espaço a egoísmos quando havia pessoas a morrer – para uma criança de dez anos as coisas já não eram bem assim. Naquele dia consolou a filha o melhor que conseguiu, mas deitou-se com a sensação de não ter feito o suficiente. Sentia-se também ela profundamente em baixo. Tinha deixado as aulas de piano – que agora se realizavam à distância –, sentia-se incapaz de ler um livro que fosse e tinha deixado também de escrever. Sentia-se sem cabeça e sem forças para nada. Continuava a trabalhar demasiado e, nos momentos em que não estava a trabalhar, estava dedicada à casa ou à filha. Sentia-se nas águas de uma piscina muito longa, com dificuldades em continuar as braçadas e em manter o fôlego. Dava muitas vezes por si a chorar à noite, antes de dormir. Doía-lhe o corpo e a alma. Estava preocupada com o marido e a filha, os pais, os sogros, os amigos, os colegas. Continuava preocupada com o trabalho, sentia que não estava a fazer o suficiente. Preocupações, preocupações, preocupações: era tudo o que sentia naquele momento. O cansaço começava a atrapalhar-lhe a vida, até nas tarefas mais simples, como cozinhar: trocava ou esquecia ingredientes, tentava aquecer a comida sem ligar o fogão. Estava cada vez mais macambúzia e ambicionava passar os dias a dormir, protegida pelo conforto dos lençóis. Também estes planos saíam logrados à custa de todas as responsabilidades que se sentia na obrigação de assumir. Pelo menos o tempo passava rapidamente: todos os dias tinha a sensação de acordar, pestanejar e já estar deitada outra vez. As tarefas eram tantas que os ponteiros do relógio giravam a uma velocidade estonteante.

Uma semana depois da dolorosa conversa com Maria, a criança surgiu no escritório sorrindo com um ar comprometido.

– O que foi, filha? – perguntou Amanda, antevendo uma traquinice qualquer.

– Nada... A que horas vamos jantar?

– Mais daqui a pouco, ainda estamos a terminar o trabalho. Porquê?

– Nada, era só curiosidade – respondeu a menina, girando nos calcanhares.

Amanda viu-a descer as escadas e pensou segui-la, mas tinha prazos a cumprir no trabalho que não podia protelar. Permaneceu sentada e, em pouco mais de uma hora, terminou o que havia para fazer. Era a sua vez de fazer o jantar, por isso levantou-se, beijou a nuca de Pedro e dirigiu-se à cozinha. Descia os degraus a passo rápido quando começou a sentir um aroma diferente no ar. Cheirava a comida! Como era possível cheirar a comida se tanto ela como Rui tinham estado até então no escritório? A porta da sala de jantar, assim como a da cozinha, encontrava-se fechada. Amanda levou a mão ao puxador, a medo. Aquilo que viu deixou-a boquiaberta.

Maria tinha feito o jantar e posto a mesa com o serviço de loiça que se encontrava guardado no aparador o ano inteiro, só vendo a luz do dia em ocasiões especiais. A menina tinha aprendido a confeccionar refeições simples durante o isolamento e agora, completamente sozinha, tinha preparado um belo repasto à base de ovos mexidos e arroz que distribuía, sorridente, pelos pratos. Também a toalha e os guardanapos tinham sido trocados e, em cima da mesa, Amanda conseguia ainda ver um jarro com sumo de laranja natural. Maria tinha até decorado a mesa do jantar com algumas grinaldas de luz, o que conferia uma atmosfera romântica ao espaço, iluminado com luz suave.

– Fizeste isto tudo sozinha? – perguntou Amanda, incrédula.

– Sim. Gostas? – perguntou a criança, com as mãos entrelaçadas na frente do corpo.

– Adoro, claro. Está incrível! – respondeu, abraçando Maria com força.

– Obrigada, mamã.

– Como é que te lembraste disto?

– Achei que estavam a precisar de descansar. E não és tu que dizes que precisamos de cuidar uns dos outros, de sermos jardineiros e cuidar bem das nossas plantinhas? – perguntou Maria, fazendo alusão a uma citação d’ “O Príncipezinho” que a mãe utilizava muitas vezes.

– Sim, mas...

– Vocês também são as minhas flores. E o que importa é que estejamos juntos – disse a pequena, não a deixando terminar a frase.

Ali, com Maria a abraçá-la com força e com a cabeça escondida no seu regaço, Amanda conseguiu libertar-se do peso dos últimos meses. Foi naquele

aconchego que percebeu que não importavam as férias, os planos, os restaurantes, o cinema, as viagens, os passeios e as alegrias momentâneas. As responsabilidades, o trabalho, as tarefas domésticas, as obrigações, também tudo isso era secundário. Tudo o que interessava estava ali, naquele abraço e no sabor doce daquele ovo mexido. Abraçou Maria com ainda mais força, respirou fundo e, pela primeira vez em vários meses, sorriu com a certeza de que tudo ficaria bem.